

**Heloisa Junqueira Fleury**

Mestre pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, Organizadora de livros e autora de vários capítulos em livros, coordenadora geral do *DPSedes – Instituto Sedes Sapientiae*; coordenadora da seção transcultural da IAGP – *International Association for Group Psychotherapy and Group Processes*

# FROM ONE-TO-ONE PSYCHODRAMA TO LARGE GROUP SOCIO- PSYCHODRAMA

## MORE WRITINGS FROM THE ARENA OF BRAZILIAN PSYCHODRAMA

EDITADO E TRADUZIDO POR ZOLTÁN (ZOLI) FIGUSCH –  
LIVRO EM CD-ROM

Seria essa obra mais um tijolinho na construção de uma ponte ligando as culturas psicodramáticas dos hemisférios norte e sul? Zoli Figusch, editor do CD-ROM "*From one-to-one psychodrama to large group socio-psychodrama*" ou, em português, "Do psicodrama um-a-um ao sociopsicodrama com grandes grupos", explicita ser este um dos diferenciais desta obra.

Zoli formou-se em psicodrama na Inglaterra, para onde retornou após morar por dois anos no Brasil. Participou ativamente do movimento psicodramático brasileiro, tornando-se um dos "estrangeiros" com maior conhecimento "de dentro" da nossa cultura. Com essa experiência, foi muito feliz no primeiro recorte da nossa produção científica com o livro *Sambadrama – The Arena of Brazilian Psychodrama*, publicado na Inglaterra em 2005.

Com essa segunda compilação, Zoli confirma sua criatividade na arte da garimpagem de textos, o que pode fazer desse tijolinho também uma ponte para nós estreitarmos laços com o psicodrama brasileiro.

Embora mais de uma centena de livros tenham sido publicados, os movimentos de articulação entre as diferentes tendências do psicodrama

brasileiro e de sistematização de algumas peculiaridades da teoria e prática ainda são tímidos.

Nesse percurso proposto por Zoli com essa seleção, podemos identificar algumas de nossas especificidades. Destacam-se dois grandes eixos de aplicação: a psicoterapia psicodramática um-a-um e o sociopsicodrama com grandes grupos.

A primeira observação é a multiplicidade de termos para se referir ao primeiro deles: psicoterapia psicodramática bipessoal individual – paciente e terapeuta; psicoterapia psicodramática pluripessoal individual – paciente e vários terapeutas; psicoterapia psicodramática grupal focada no protagonista – trabalho com um indivíduo no grupo com um ou mais terapeutas; psicodrama à *deux*; psicoterapia da relação; teatro de dois; psicodrama bipessoal. Zoli explica que optou por traduzir todos eles para o inglês *one-to-one psychodrama psychotherapy* ou *one-to-one psychodrama*. Optei por manter a forma mais simples, que numa tradução literal fica psicodrama um-a-um. Embora seja mais um termo, pode nos aproximar dessa perspectiva de apresentação.

Zoli retoma as origens, lembrando a pouca valorização dada pelo criador do psicodrama, JL Moreno, a essa modalidade de atendimento. Na apresentação do psicodrama a dois, Moreno (1983, p.246) estabelece paralelos com a situação psicanalítica do divã, afirmando haver uma tendência, quando essa forma é utilizada no consultório, de empregar a enfermeira como ego auxiliar para preservar a identidade do diretor.

Numa perspectiva bem diferente, segundo o editor, o desenvolvimento da teoria e técnica no Brasil foi consequência do uso do psicodrama no relacionamento terapeuta-paciente. Os pioneiros quebraram algumas conservas e começaram a experimentar novas possibilidades de atendimento, o que foi trazendo mudanças ao procedimento psicodramático. Alguns tinham formação em psicanálise e, numa fertilização cruzada entre essas duas abordagens teóricas, o papel de terapeuta e o próprio vínculo terapêutico foram se alterando.

Valeria Brito inicia esse primeiro eixo reconhecendo que o psicodrama um-a-um tem sido identificado como a modalidade menos nobre do psicodrama, mesmo sendo a mais utilizada. Alerta para o fato de que essa condição gera menos espaço nos cursos de formação, faltando programas de ensino mais sistematizados. Sua referência é a concepção do grupo de dois como “o menor grupo possível predominante no aconselhamento moderno” (Moreno, 1983, p.18). Sugere novas reflexões sobre seus aspectos teóricos e práticos, tomando como base conceitual a socionomia.

Dalmiro Bustos ilustra o manejo de uma sessão psicodramática e apresenta a fundamentação teórica de suas intervenções. Explicita dinamismos intrapsíquicos, seus reflexos no mundo relacional e os cuidados necessários na direção da cena dramática. Descreve vários iniciadores para ajudar o paciente a conectar-se com suas emoções, tensões corporais e/ou imagens mentais, explicitando como trabalha com as defesas do ego na elaboração e resolução dramática.

Rosilda Antonio apresenta o atendimento de uma paciente deprimida,

em que passa da perspectiva médica para a psicodramática, produzindo intersubjetividade, condição necessária para o desenvolvimento das forças que operam no processo terapêutico. Ilustra, com vários fragmentos de sessões, aspectos da relação terapêutica e a experiência da ação dramática, explicitando e discutindo os fundamentos teóricos de sua prática.

A utilização de brinquedos como objeto intermediário na montagem de cenas psicodramáticas com adultos é ilustrada por Arthur Kaufman. Vários casos clínicos exemplificam o uso desse recurso terapêutico.

Tele e transferência são conceitos bastante discutidos pelos pensadores do psicodrama brasileiro. Nesse recorte, Leila Kim apresenta esses conceitos tomando como referência a inter-relação social objetiva, no contexto terapêutico, envolvendo as pessoas privadas e os papéis sociais do terapeuta e do paciente.

Segue-se a psicoterapia da relação de José Fonseca. Apresenta de forma bem didática a fundamentação teórica desse método, ilustrando com fragmentos de casos clínicos.

O próprio Zoli se segue, apresentando uma compreensão psicodramática das fases próprias do luto, atribuindo a origem das reações do luto às experiências de relação e separação na matriz de identidade. Ilustra a utilização de uma técnica – o relógio mole – na resolução do luto no psicodrama um-a-um.

Para finalizar esse primeiro eixo, Moyses Aguiar busca referências teóricas e práticas no teatro espontâneo para fundamentar a psicoterapia psicodramática um-a-um. Aborda as técnicas teatrais, as técnicas de ação e verbais, assim como o psicodrama verbal.

Temos um recorte interessante. A fundamentação teórico-metodológica do psicodrama um-a-um é apresentada sob diversos ângulos e está fartamente ilustrada com casos clínicos, explicitando uma cuidadosa ancoragem na teoria sacionômica.

Conseguiríamos identificar nesses textos o percurso das transformações que nós brasileiros introduzimos no psicodrama um-a-um? Há vários indícios de fertilização por outras teorias, mas o que sobressai é a diversidade de recursos criados para viabilizar essa modalidade de atendimento, certamente a mais comum entre os psicodramatistas brasileiros.

O segundo eixo dedica-se ao psicodrama com grupos maiores, em eventos públicos com 50 a 10 mil participantes.

O editor explica que, na Inglaterra, há uma separação nítida entre o psicodrama terapêutico, focado no indivíduo, e o sociodrama, que atende a um objetivo social mais amplo. Dessa forma, em outras culturas, “psicodrama” refere-se ao processo psicoterápico processual individual ou grupal, com uma separação bem definida em relação às práticas sociodramáticas.

Por outro lado, o brasileiro transita mais naturalmente entre essas duas áreas, fazendo com que o termo “psicodrama” refira-se a todos os métodos de ação morenianos, entre os quais se incluem: psicoterapia psicodramática processual, sociodrama, teatro espontâneo, psicossociodrama público e aberto, psicossociodrama na rua, jornal vivo, teatro de *playback*.

Nesse recorte, Zoli utiliza o termo sociopsicodrama para se referir à teoria e prática dos métodos de ação morenianos com grandes grupos. Esse eixo atende à expectativa de Moreno, da expansão do psicodrama para além dos consultórios, atingindo a comunidade, a sociedade e toda a humanidade.

Zoli explica ao leitor inglês que as práticas sociopsicodramáticas focam nos papéis sociais de grupos e instituições, diferenciando-os dos papéis mais pessoais, os quais têm mantida a privacidade. Lista entre os objetivos do trabalho com grandes grupos: explorar e desenvolver relações sociais; promover formas de comportamento espontâneas e criativas, melhorando habilidades interpessoais e capacitando os participantes para encontrar soluções para os problemas coletivos; ajudar cada participante a entender seu próprio papel no grupo ou comunidade, levando ao desenvolvimento social e, conseqüentemente, à catarse coletiva da comunidade.

Esse segundo eixo começa com Anna Maria Knobel contextualizando a história, teoria e prática do método sociodramático aplicado aos grandes grupos, visando à apresentação do modelo brasileiro contemporâneo.

O teatro espontâneo é apresentado por Cida Davoli, que ilustra a concepção dessa modalidade de sociopsicodrama descrevendo cinco etapas do processo de aquecimento, necessárias para a criação coletiva do grupo.

Em seguida, o saudoso Arnaldo Liberman apresenta a retratização, técnica sociodramática desenvolvida para proteger a identidade dos indivíduos cujos conteúdos estão sendo trabalhados.

A experiência de coordenar um grande grupo é apresentada por Luiz Contro através do solilóquio do diretor antes, durante e após o evento. Ilustra em paralelo a articulação da teoria e técnica empregada.

Elisabeth Maria Sene Costa e Terezinha Tomé Baptista resgatam o *Jornal Vivo* como uma modalidade de intervenção psicodramática, discutindo os referenciais teóricos que a embasam.

Cida Davoli, numa segunda contribuição, descreve e processa uma das atividades do *Comunidade em Cena*, que dirigiu no 15º Congresso Brasileiro de Psicodrama. Essa experiência ocorreu numa praça, em Belo Horizonte, e a publicação em português foi chamada *Cenas psicodramáticas: psicodrama líquido*.

Um evento maior, ocorrido em 21 de março de 2001, com 158 sociopsicodramas simultâneos, atingindo 10.000 cidadãos, foi descrito por Marisa Greeb, coordenadora do Psicodrama da Cidade de São Paulo. O tema comum para esse evento foi Ética e Cidadania, expresso na pergunta distribuída em *banners* pela cidade “O que você pode fazer para ter uma FelizCidade? Ela apresenta também as “Escenas de los Pueblos”, evento ocorrido em 12 de outubro de 2002, com simultaneidade semelhante e envolvimento de dez países latino-americanos, quatro europeus e os Estados Unidos. A pergunta comum era “Que país você quer?”

Finaliza esse eixo o convite de Regina Monteiro para irmos até o povo e oferecermos o teatro espontâneo (o instrumento mais adequado, segundo ela) expressando nosso compromisso com o social. Ilustra sua prática

com o último de muitos eventos que dirigiu nesse contexto e finaliza constatando que cada um de nós – juntamente com outros – podemos chegar a novas possibilidades, impossíveis se nos mantivéssemos isolados.

No eixo anterior, haviam indícios de fertilização por outras teorias, além da surpresa com a gama de recursos desenvolvidos no longo percurso das transformações do psicodrama um-a-um no Brasil. Nesse segundo eixo, sobressai a diversidade de contextos de aplicação do sociopsicodrama. Seria o brasileiro ousado na busca de novos espaços de atuação? Ou, pelo contrário, usou de criatividade para atender às demandas da sociedade?

Após seguir esse percurso, o mais surpreendente com o resultado dessa garimpagem foi constatar o elemento didático captado nesses textos. A resultante é um quadro referencial de base socionômica escrito a muitas mãos. Quem sabe num futuro próximo possamos construir mais tijolinhos e estreitar novos laços tanto com o nosso psicodrama como também com a teoria e prática de outras culturas psicodramáticas.

Endereço da autora:  
Rua Sergipe 401 conj.808  
São Paulo - SP  
*E-mail:* hjfleury@uol.com.br